

OS DISCURSOS RACISTAS E A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA A PARTIR DOS MEMES

RACIST DISCOURSES AND THE CONSTRUCTION OF MEMORY THROUGH MEMES

DISCURSOS RACISTAS Y LA CONSTRUCCIÓN DE LA MEMORIA A PARTIR DE MEMES

*Jonatan dos Santos Silva¹, Marlon Messias Santana Cruz²,
Felipe Eduardo Ferreira Marta³, Edvania Gomes da Silva Silva⁴*

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise discursiva de *memes* relacionados à figura do negro que circulam nas redes sociais. Busca-se responder à seguinte questão: quais discursos atravessam os *memes* relacionados à figura do negro que circulam na internet? Para responder a essa questão-problema, recorreremos aos fundamentos teórico-metodológicos da Análise de Discurso de orientação francesa (AD), a fim de analisar imagens, consideradas aqui como operadores de memória e de efeitos de sentido. Os resultados indicam que o processo de disseminação dessas imagens e de seus enunciados nas redes sociais operacionaliza o funcionamento de memórias relacionadas ao discurso racista, produzindo diferentes efeitos, dentre os quais o de rebaixamento e desqualificação do negro. Além disso, os *memes* analisados retomam o discurso da produtividade da mão de obra escrava, daí também a relação com a desqualificação (falta de qualidade laboral), reforçando uma ideologia racista e preconceituosa que se vincula a condições historicamente constituídas.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de Discurso. *Meme*. Memória. Racismo.

¹ Doutorando - Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Vitória da Conquista, BA - Brasil. Docente - Rede Estadual de Educação da Bahia (SEC/BA). Salvador, BA - Brasil. **E-mail:** jonatandon@gmail.com

² Doutor em Memória, Linguagem e Sociedade - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Vitória da Conquista - Brasil. Professor Assistente - Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Guanambi, BA - Brasil. **E-mail:** mmscruz@uneb.br

³ Pós-doutorado - Virginia Polytechnic Institute and State University (Virginia Tech). Blacksburg, VA - Estados Unidos. Doutor em História Social - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo, SP - Brasil. Docente - Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Vitória da Conquista, BA - Brasil. **E-mail:** fefmarta@gmail.com

⁴ Pós-Doutorado em Linguística - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, SP - Brasil. Doutorado em Linguística - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, SP - Brasil. Professora Titular - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Vitória da Conquista, BA - Brasil. **E-mail:** edvaniagsilva@gmail.com

Submetido em: 11/11/2021 - **Aceito em:** 27/05/2022 - **Publicado em:** 03/10/2023

ABSTRACT

This article presents a discursive analysis of memes related to the image of black people that circulate on social networks. The paper seeks to answer the following question: which discourses cross the memes related to the image of black people that circulate on the internet? To answer this question, we resort to the theoretical-methodological foundations of French Discourse Analysis (AD) in order to analyze images, considered here as operators of memory and effects of meaning. The results indicate that the process of disseminating these images and their statements on social networks operationalizes the functioning of memories related to racist discourse, producing different effects, among which the relegation and disqualification of black people. In addition, the analyzed memes resume the discourse of the productivity of slave labor, hence the relation with disqualification (lack of quality work), reinforcing a racist and prejudiced ideology that is linked to historically constituted conditions.

KEYWORDS: Discourse Analysis. Meme. Memory. Racism.

RESUMEN

Este artículo presenta un análisis discursivo de los memes relacionados con la figura de las personas negras que circulan en las redes sociales. Se busca responder a la siguiente pregunta: ¿qué discursos atraviesan los memes relacionados con la figura de las personas negras que circulan en internet? Para responder a esta pregunta-problema, recurrimos a los fundamentos teórico-metodológicos del Análisis del Discurso francés (AD) para analizar las imágenes, consideradas aquí como operadores de memoria y efectos de sentido. Los resultados indican que el proceso de difusión de estas imágenes y sus declaraciones en las redes sociales operacionaliza el funcionamiento de las memorias relacionadas con el discurso racista, produciendo diferentes efectos, entre los que se destacan la relegación y descalificación de las personas negras. Además, los memes analizados retoman el discurso de la productividad del trabajo esclavo, de ahí la relación con la descalificación (falta de trabajo de calidad), reforzando una ideología racista y prejuiciosa que se vincula a condiciones históricamente constituidas.

PALAVRAS-CLAVE: Análisis del habla. Memes. Racismo.

1 INTRODUÇÃO

Julgados, inadvertidamente, como brincadeiras e/ou como expressão do pensamento criativo em diferentes contextos, os *memes* têm sido utilizados nas redes sociais para produzir diferentes efeitos, principalmente o de humor. Essas imagens circunscrevem memórias que, segundo Orlandi (2001), também fazem parte da produção do discurso. Tal recurso é cada vez mais usado nas redes sociais, pois: i) são mensagens curtas e, por isso, mais facilmente memorizáveis, o que coaduna com o tipo de comunicação potencializado na/pela internet; ii) apresentam uma relação entre linguagens verbal e não-verbal, o que chama a atenção do interlocutor mais facilmente; e iii) estão fortemente vinculados a questões que mobilizam bastante a opinião pública, permitindo variadas interpretações, elaboradas a partir de diferentes discursos. Esses discursos se materializam nos *memes* quase sempre de forma inconsciente.

Esse funcionamento inconsciente é comum no caso de textos supostamente jocosos, pois estes estão relacionados, segundo Freud (1969 [1905], à “economia psíquica, sempre acompanhada de alguma liberação do recalcado” (FREUD, 1969 [1905] *apud*. POSSENTI, 2010, p. 51). Contudo, defendemos aqui que tal funcionamento não é a única razão para explicar a circulação constante desses discursos em ambientes virtuais. Tal circulação se justifica também pelo fato de tais discursos estarem vinculados a uma ideologia colonialista e, portanto, a discursos racistas e segregacionistas, que circulam em diferentes suportes, inclusive nas redes sociais, pois estas funcionam como lugar de produção, circulação e materialização de discursos. Essas manifestações discursivo-imagéticas relacionam-se a um conjunto de discursos com os quais os sujeitos enunciadorees dessas produções se identificam, e é justamente por se identificarem com tais discursos que eles enxergam, nessas produções, motivos para rirem. Isso tem despertado críticas favoráveis ou contrárias à ideologia racista materializada em imagens de indivíduos negros que circulam na internet com o objetivo de produzir efeitos humorísticos. Nesse sentido, a reflexão em relação às variadas formas de preconceito e de discriminação é recorrente nas manifestações de combate ao racismo que figuram no ciberespaço. Com base nessa disputa de sentidos, elaboramos a seguinte questão: quais discursos atravessam os *memes* relacionados à figura do negro que circulam na internet? A hipótese, que é uma resposta provisória à questão-problema - podendo, portanto, ser confirmada ou refutada pelas análises -, é de que os *memes* materializam discursos racistas quando o sujeito do discurso se inscreve no lugar do racismo estrutural⁵, buscando, devido a tal inscrição, produzir efeitos de humor naqueles que também se identificam com a posição-sujeito racista.

A fim de responder à questão-problema e de “testar” a hipótese levantada, recorreremos à pesquisa qualitativa, de cunho exploratório e descritivo. “Exploratório” por visar, segundo Gil (1987, p.35), a proporção de “maior familiaridade com a questão do problema e torná-la mais explícita, ao mesmo tempo em que explora conhecimentos sobre temas pouco estudados”; “descritivo” por descrever um determinado fenômeno, neste caso, os discursos materializados nos *memes* relacionados à figura do(a) negro(a) que circulam na internet. Tal descrição é necessária para melhor circunscrevermos as redes de memória que se (re)configuram na elaboração dos *memes*, pois não há texto que seja interpretável sem referência à memória. É possível dizer o mesmo em relação à imagem. Toda imagem se inscreve em uma cultura visual. Essa cultura visual supõe a existência, para o sujeito, de uma memória de imagens, pois toda imagem tem um eco (COURTINE, 2005). A coleta dos dados

⁵ Esse conceito indica que, após o fim formal do período escravocrata, o racismo rearticulou-se e passou a funcionar como uma ferramenta para a manutenção da opressão sobre o negro (ALMEIDA, 2019), o que pode ser comprovado pelas condições estruturais da sociedade no que diz respeito à constituição dos lugares reservados ao negro e ao não negro.

foi feita/ O *corpus* foi formado a partir da seleção de imagens pesquisadas no *Google*, que apresenta informações de domínio público. Recorremos, mais especificamente, ao website do Projeto “Museu de Memes”⁶, a partir do qual foi possível chegar ao website “Caveiranerd”⁷, onde os *memes* são mantidos no ciberespaço.

2 A PRODUÇÃO HISTÓRICO-DISCURSIVA DO RACISMO NOS “MEMES”

Desde 2011 existe o projeto #MUSEUdeMEMES, que executa, na internet, um trabalho de coleta, monitoramento e organização de referências bibliográficas referentes às pesquisas acadêmicas sobre *memes*. Essas pesquisas estão organizadas em categorias como livros, capítulos de livro, artigos publicados em periódicos, anais de congressos científicos, teses, dissertações, monografias, fontes eletrônicas e textos inéditos, formando um acervo de mais de 900 registros. Entre estes, foi encontrado apenas um estudo que tratou dos *memes* relacionados à imagem do negro, produzido por Jaime de Souza Júnior, em 2016, e publicado na Revista *Cadernos de Linguagem e Sociedade*. Souza Júnior (2016), que discute as relações entre o letramento visual e a construção do negro no discurso *online*, partiu do estudo do evento digital “Meme Negro” para explicitar a existência do racismo.

Os discursos funcionam de acordo com a ideologia corporificada em uma base material, seja esta linguística, imagética, fílmica, dentre outras. Contudo, o funcionamento da ideologia não pode ser explicado apenas com base em um sistema de regras formais, como é o caso da língua, no sentido estruturalista do termo. Para entender o funcionamento da ideologia é preciso partir da base material para se chegar às relações ideológicas⁸, as quais põem em funcionamento diferentes processos discursivos. De acordo com Orlandi (2001), a análise de discurso é

[...] palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando [...], procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história (ORLANDI, 2001, p. 15).

⁶ Cf.: <https://museudememes.com.br/>. Acesso em: 20 jan. 2020.

⁷ Cf.: <https://br.pinterest.com/uriel29m/nego/>. Acesso em: 2 fev. 2020.

⁸ De acordo com Pêcheux, o propósito da AD é indicar que é a ideologia que produz o sujeito e seu discurso. Assim, a estrutura linguística não seria suficiente para explicar o discurso, já que as relações históricas, nas quais o homem está inserido como sujeito, determinariam o que este sujeito diz. Isso é reforçado em seus escritos quando ele remete aos textos de Althusser, para o quem “os linguistas e todos aqueles que recorrem à linguística com diferentes fins tropeçam frequentemente em dificuldades que decorrem do desconhecimento do jogo dos efeitos ideológicos em todos os discursos - inclusive os científicos” (ALTHUSSER, 1985 [1969], p. 94).

O “Meme Negro”, reconhecido como evento digital, apresenta imagens como forma de linguagem, constituída de símbolos e signos que remetem a sentidos e a declarações multimodais ou verbo-visuais. É devido a essa possibilidade da linguagem de produzir sentidos que, ao se referir à língua falada pelo colonizador, Franz Fanon (2008) discorre sobre o racismo a partir de seu entendimento sobre a linguagem, que, segundo ele, é a responsável por constituir e proliferar o racismo, “na medida em que é através dela que criamos e vivenciamos os significados” (FANON, p. 15, 2008).

As imagens miméticas associadas ao fenômeno “Meme Negro” estão relacionadas à configuração de uma rede de produção de significados e sentidos pertencentes ao contexto histórico social que remete à produção linguística. A língua é considerada para a AD como uma base comum a ser compreendida como “acontecimento do significante em um sujeito afetado pela história” (ORLANDI, 2001, p.19). Em outras palavras, quando um sujeito de discurso enuncia, inicia-se um processo de construção de sentidos baseado na relação entre sujeito, linguagens e ideologia. Sobre isso, Orlandi afirma que as margens do dizer de qualquer texto:

Não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali, mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi (ORLANDI, 2001, p. 30).

A teoria do discurso formulada por Pêcheux fundamenta-se na tese central de que o sujeito, situado em uma conjuntura histórico-social, está assujeitado à ideologia e, por isso, enuncia de acordo com as determinações que o constituem como sujeito do discurso. Esse sujeito materializará, em seus dizeres, discursos vinculados à conjuntura histórica na qual está inserido. Dito de outra forma, os conceitos sistematizados pelo aparelho formal da língua não consideram que os discursos são o resultado da relação entre língua e ideologia, estando esta última vinculada às condições históricas de produção, pois “a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos” (PÊCHEUX; FUCHS, 1993 (1975), p. 167). A AD, na perspectiva pecheuxtiana, não acredita na existência de um discurso sem sujeito e nem na possibilidade de um sujeito sem ideologia, já que o sujeito sempre se mostra imerso em uma ideologia, indicando seu lugar na estrutura social por meio do discurso ao qual se vincula.

Dessa maneira, as condições de produção que fundamentam a constituição do racismo no Brasil fazem emergir temáticas em torno da formulação de discursos sobre a construção da imagem do negro na internet e os efeitos disso fora dela, levando em conta como essa construção circula por meio de *memes*, que é o objeto deste artigo. Nessa lógica, os estudos de Eni Orlandi contribuem para uma reflexão acerca do funcionamento dos *memes* aqui analisados, pois tais estudos indicam que a discriminação racista, materializada no *corpus* deste artigo, relaciona-se a um interdiscurso que incide sobre a enunciação, fazendo com que o sujeito identificado a esse interdiscurso possa rir. Nesse sentido, é o discurso que está na base da enunciação do sujeito e que permite a esse sujeito ser favorável ou contrário ao racismo materializado nos *memes*. A síntese dos momentos históricos do racismo pode ser vista a partir da trajetória genealógica proposta por Melo e Moita Lopes (2013), que destacam os seguintes “estágios” dessa trajetória:

A construção do mito [de que] o negro e o branco [...] conviveriam pacificamente; os escravos viveriam uma situação paternal e fraternal com o senhor, que influenciou toda a construção social e discursiva de miscigenação e de democracia racial no Brasil, dos anos 30 até o início dos anos 90; a propagação dos discursos de democracia racial durante o Regime Militar, que apagou o racismo e singularizou as diferenças e as possibilidades de ser negro; os efeitos dos discursos de igualdade inverteram o discurso racista; a quebra de paradigma em relação aos discursos de democracia racial; os movimentos negros, nos anos 80, denunciaram o preconceito racial e exigiram políticas públicas voltadas para os negros e negras; o processo de desconstrução dos discursos nos governos FHC e de Lula. (MELO; MOITA LOPES, 2013, p. 240-241).

A síntese desses momentos histórico-discursivos contribui para a tese de que as imagens remetem às formulações do racismo presentes no interdiscurso, envolvendo as questões deterministas do colonizador, que dita, por meio do discurso do trabalho, por exemplo, aquele que deve ser visto como preguiçoso ou como desocupado. Tese que é reforçada por meio da tríade, citada por Gilberto Freire (2005), que engloba o discurso da origem da diversidade da formação mestiça no Brasil (o europeu-colonizador; o índio-não civilizado; e o negro-escravo natural). (SOUZA JÚNIOR, 2016).

A memória, na AD, é relacionada ao interdiscurso, definido por Orlandi (2001) como aquilo que “fala antes, em outro lugar, independentemente” (ORLANDI, 2001, p. 31). Esta autora também define a memória como discursiva, por disponibilizar dizeres ao afetar o sujeito no processo de significação, perante uma dada situação discursiva. Dessa forma, a memória diz respeito a tudo que já foi dito sobre a escravidão, sobre os negros, assim como todos os dizeres racistas que materializaram diferentes sentidos, os quais ainda estão funcionando. Isso porque esses sentidos “foram ditos por alguém, em algum lugar, em outros momentos, mesmo muito distantes [...]” (ORLANDI, 2001, p. 42). Nesse caso, são efeitos

convocados pela formulação presente na imagem e no enunciado que se apresentam como *memes* e vão se constituindo na memória, ganhando sentidos a partir de outros dizeres.

Os enfrentamentos ao racismo se embrenham nas formas de discursos materializados na mídia social (espaço público de construção de narrativas e conceitos), pois ela é construtora de estereótipos étnicos⁹, ao passo que, de acordo Douglas Belchior¹⁰, nega os direitos e pode promover a violência. Essa questão também é discutida por Adilson José Moreira (2018), que identifica nos espaços midiáticos a prática habitual da humilhação social disfarçada de graça, de humor e de jocosidade, associando atrocidades à passividade e à permissividade das instituições jurídicas. O texto do referido autor, por meio do diálogo com a tese de Luvell Anderrson (2015), também qualifica a luta da população negra brasileira em relação aos mecanismos psicológicos daquilo que ele chama de “humor racista”. Os seis mecanismos destacados por Anderrson (2015), retomados por Moreira (2018), são:

1º- O humor está baseado em mensagens que reproduzem a concepção de que membros de certos grupos possuem defeitos morais. 2º- O humor racista reproduz estereótipos negativos sobre os membros de grupos minoritários. 3º- Esse tipo de humor causa danos psicológicos e sociais às suas vítimas. Elas se sentem moralmente degradadas por causa de piadas racistas. 4º- O humor racista não é necessariamente motivado por representações negativas que certos indivíduos têm sobre minorias raciais. 5º- O humor racista tem um caráter estratégico. Assim, ele tem sido utilizado como um meio de legitimação social. 6º- O humor racista também garante satisfação psicológica, para membros do grupo racial dominante (MOREIRA, 2018, p.55).

Dessa maneira, ao se filiarem àquilo que, no discurso do senso comum, é visto como humor, os enunciados que se apresentam como *memes* materializam discursos racistas. Tais discursos passam a funcionar quando há um deslizamento de sentido que naturaliza o racismo, fazendo circular os danos causados por ele por meio de *memes* que afetam o negro de forma ultrajante e profundamente desrespeitosa. A disseminação dessa construção discursivo-imagética hostiliza as minorias raciais, porque as imagens, ao se repetirem, produzem cada vez mais violência e discriminação, dependendo da posição de identificação ou contra-identificação, assumida pelo sujeito intérprete dessas imagens, em relação a esse discurso racista¹¹. Sobre os processos de identificação e de contra-identificação, a AD

⁹ O termo “estereótipo” surge relacionado ao campo da tipografia e diz respeito a algo que é “impresso com placas cujos caracteres não são móveis, e que se conservam para novas tiragens” (LAROUSSE, 1875 *apud* AMOSSY; PIERROT, 2005 [1997], p. 30). A palavra estereotopia liga-se, portanto, à ideia de rigidez, pois supõe algo fixo, cristalizado. Nesse caso, a expressão “estereótipo étnico” remete à forma de representação de um grupo étnico ou povo de forma fixa e generalizada.

¹⁰ Professor e militante do Movimento Negro UNE afro. Disponível em: <https://uneafrobrasil.org/historia/>. Acesso em: 4 abr. 2020.

¹¹ Em *A Ordem do Discurso*, Michel Foucault, quando trata do princípio da especificidade, aborda, em certa medida, a relação entre discurso e violência. Nas palavras do referido autor, “deve-se conceber o discurso como

pecheuxtiana ajuda a compreender como o sujeito da enunciação se relaciona com o Sujeito universal, que é aquele que determina os saberes de uma Formação Discursiva (FD)¹², desdobrando-se discursivamente por meio da interpelação¹³ do indivíduo em sujeito de seu discurso.

Já o processo de contra-identificação, segundo Pêcheux, indica a possibilidade de o sujeito se rebelar contra os saberes que a FD lhe impõe. Nesse sentido:

O sujeito da enunciação 'se volta' contra o sujeito universal por meio de uma 'tomada de posição' que consiste, desta vez, em uma separação (distanciamento, dúvida, questionamento, contestação, revolta) com respeito ao que o 'sujeito universal' lhe 'dá a pensar': luta contra a evidência ideológica, sobre o terreno da evidência, evidência afetada pela negação, revertida a seu próprio terreno (PÊCHEUX, 1997 [1975], p. 21).

A contra-identificação é caracterizada como uma separação em relação ao saber inscrito no sujeito universal. Há, nesse caso, um deslocamento do sujeito da enunciação no interior da própria FD. O interdiscurso é o responsável por organizar tanto a identificação quanto a contra-identificação. No caso dos *memes* e do suposto efeito de humor neles materializado, a identificação se marca, por exemplo, verbo-visualmente, nas risadas emitidas pelo sujeito ao ler um texto que se pretende humorístico. As curtidas e a repostagem no Facebook são outras formas de marcar simbolicamente essa identificação.

Orlandi (1998), ao tratar da identificação do sujeito com a formação discursiva, afirma que:

O sujeito, ao identificar-se com uma determinada posição de sujeito, acaba por inscrever-se em uma delas, com ela estabelecendo uma relação de identidade, ao mesmo tempo em que diverge, opõe-se ou antagoniza-se com as demais posições de sujeito, próprias de outras formações discursivas (ORLANDI, 1998, p. 190).

Assim, o discurso, para esta autora, é pensado de acordo com a relação situada entre aquilo que está na ordem do “inter” e se materializa na ordem do “intra”, construída a partir da produção da formulação de um sujeito enunciador. No interdiscurso, conceito formulado

uma violência que fazemos às coisas, como uma prática que lhes impomos em todo caso; e é nesta prática que os acontecimentos do discurso encontram o princípio da sua regularidade” (FOUCAULT, 2002 [1971], p. 53).

¹² De acordo com Pêcheux, a Formação Discursiva é aquilo que “determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma harena, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes” (PÊCHEUX; FUCHS, 1993 [1975], p. 166-167).

¹³ Para Pêcheux, “A interpelação se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito); essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apoia-se no fato de que os elementos do interdiscurso [...] que constituem, no discurso do sujeito, os traços daquilo que o determina, são reinscritos no discurso do próprio sujeito” (PÊCHEUX, 1997 [1975], p. 163).

por Pêcheux, operacionalizam-se memórias cheias e saturadas, regadas de repetições verticais. Segundo Brandão (2004), a AD recorre ao conceito de interdiscurso para tratar da “[...] relação de um discurso com outros discursos. [...]. Nesse sentido, dizer que o interdiscurso é constitutivo de todo discurso é dizer que todo discurso nasce de um trabalho sobre outros discursos” (BRANDÃO, 2004, p. 107).

O processo histórico-social de disseminação do racismo contribuiu para que houvesse a manutenção de um discurso que confere um lugar privilegiado ao indivíduo não-negro no Brasil. Tal discurso relaciona-se com outros para os quais é possível acessar, por meio das imagens de *memes* de seres humanos negros e negras na internet, um suposto efeito de humor. Neste caso, retoma-se uma memória discursiva do modo de produção escravagista no Brasil, a qual se materializa na utilização de imagens do negro em diversas situações de subalternidade. Tal memória nega o reconhecimento histórico pelo dano sofrido, pois supõe que tal situação pode ser gatilho para o riso, e, dessa forma, nega também a reparação do dano. Nessa perspectiva, o termo “nego” aciona uma historicidade vinculada a efeitos depreciativos, com os quais o negro foi (e é) obrigado a conviver por séculos.

Ainda em relação à historicidade racista no Brasil, Fonseca (2012) mostra como as ideologias dominantes recorrem ao discurso racista desde o surgimento da escravidão no Brasil. Naquele momento histórico, os negros eram vistos como animais e, por isso, não havia motivos para se fazer piadas sobre eles. A necessidade de se fazer piadas surge quando houve a possibilidade de reconhecê-los como seres humanos e sociáveis. Isso porque as piadas buscam humilhar o negro perante os seus “erros”, seus “defeitos” e suas “imperfeições”, tidos como inerentes à sua condição “biológica”, bem como perante seu legado cultural “atrasado” (FONSECA, 2012, p. 33).

3 MEMÓRIA E MATERIALIZAÇÃO DOS DISCURSOS NAS IMAGENS

O *meme* “Nego” apresentou seu ápice em 2016, tornando uma febre o processo de propagação de grande parte das imagens orientadas pela/para a desqualificação e ridicularização do negro nas redes sociais. De acordo com Souza Júnior (2016), essa desqualificação tem início com a realização do evento digital “Meme Negro”, surgido “a partir de espaços digitais privados, como a multiplataforma de troca de mensagens *WhatsApp*, migrando desta para espaços digitais públicos mais amplos, como o *Twitter.com* e o *Facebook.com*” (SOUZA JÚNIOR, 2016, p. 102).

Os discursos materializados nessas imagens produzem efeitos tanto de repetição quanto de reconfiguração de já ditos. Assim, há sempre um jogo entre retomada e reconfiguração, entre paráfrase (o mesmo) e polissemia (o outro). Vemos, nesse jogo, a constituição do próprio sentido, que funciona, como dissemos, na relação com a ideologia.

Tal jogo materializa, conforme mostram as figuras abaixo, o duplo estigma instalado, que se liga, em um primeiro momento, à condição do negro, a qual se reflete no imaginário do lugar social que este deve ocupar, ou seja, funciona em relação aos limites pré-estabelecidos socio-historicamente para esses sujeitos. Tais limites marcam o segundo estigma instaurado em relação ao negro, o qual vincula-o à condição de produção do discurso escravagista, no passado, e do discurso segregacionista, na contemporaneidade. As imagens são transformadas em figurinhas que aludem, na maioria das vezes, a comentários pejorativos, que se materializam nas situações do cotidiano. Tais situações são retomadas e reconfiguradas em um novo contexto, por meio de fotos, vídeos, capturas de tela etc., e apresentadas sub-repticiamente, principalmente, em grupos de *WhatsApp*. O surgimento de aplicativos específicos no ciberespaço instrui seus “usuários” a confeccionarem recortes de imagens, transformando-as em figurinhas a serem aplicadas em diversas situações durante conversas entre interlocutores. Nesse sentido, as imagens aqui analisadas foram recortadas de outros contextos e emergem como *memes*, materializando efeitos que se vinculam ao discurso racista, o qual convoca sujeitos que se identificam com tal discurso a rirem dos referidos memes. Vejamos o primeiro exemplo:

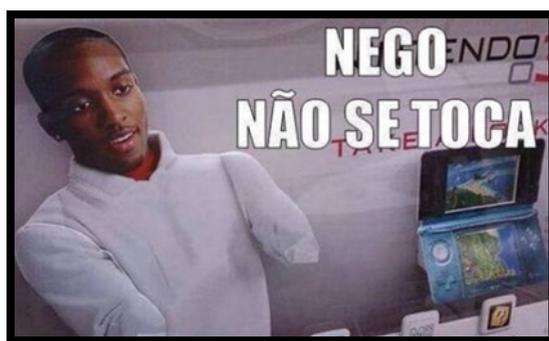


Figura1 – “Nego não se toca”

Fonte: <https://oglobo.globo.com/economia/humor-nego-viraliza-gera-debate-sobre-racismo-nas-redes-sociais-15678813>

A **figura 1** apresenta a imagem de um homem negro na condição de Pessoa com Deficiência (PcD) nos membros superiores, atrás de um balcão de loja, trabalhando como vendedor de produtos eletrônicos. Ao lado do homem, é apresentado o enunciado em caixa alta “NEGO NÃO SE TOCA”. O jogo da linguagem verbal com a não-verbal provoca um efeito derrisório em relação à condição do homem negro ali representado, na medida em que a expressão “não se toca” faz referência ao fato de o homem não poder se tocar por não possuir as mãos e, ao mesmo tempo, não ter noção de que não tem condições de trabalhar naquela função. O discurso materializado na imagem surge do jogo entre esses dois sentidos atribuídos ao enunciado “NEGO NÃO SE TOCA”, os quais relacionam-se à opacidade e à

equivocidade da língua, que permite ao menos duas interpretações para o verbo “se tocar”, o que é reforçado pela imagem. Contudo, o sentido do *meme* não depende apenas de questões linguísticas e imagéticas, mas vincula-se, principalmente, a questões ideológicas, pois, a depender da posição-sujeito assumida pelo “leitor” do *meme*, esse provocará ou não um efeito de humor.

Esse *meme* tornou-se uma das principais imagens disseminadas nas redes sociais como forma de produzir o que Moura (2018) chama de “humor racista”. Contudo, há, nesse caso, duas questões que se articulam a fim de produzir o que Fonseca (2012) indicou como sendo um processo de humilhação do negro, que se dá devido a seus “defeitos” e suas “imperfeições”, vinculados à sua condição biologicamente deficitária. As duas questões são: i) a deficiência, física ou intelectual, como atributo natural do negro, mostrada na imagem do homem negro sem os membros superiores tentando trabalhar; e 2) o jogo de linguagem que apresenta o negro como deficiente físico, mas também como deficiente intelectual, por sua suposta falta de senso ou de orientação, uma vez que não consegue se perceber como supostamente “incapaz” e insiste em trabalhar naquilo que não pode. Além disso, há também a materialização de um efeito de sentido de crítica não só ao negro, mas também a quem permitiu que ele assumisse um labor.

Outra memória atualizada na/pela imagem está relacionada à lógica da produção. As pessoas precisam estar aptas fisicamente para que haja produtividade. Nesse caso, convoca-se o leitor a se inscrever no discurso do produtivismo, vinculado à ideologia capitalista. A frase “Nego não se toca” remete, assim, tanto ao discurso da exclusão do negro, do deficiente e de todos que estão à margem do processo produtivo, quanto ao discurso da eficiência, ambos aliados ao discurso racista. Nessa perspectiva, vale destacar que a notícia sobre a referida imagem, publicada no site *O Globo*, no dia 23 de março de 2015, permite que o leitor questione o discurso segundo o qual tais imagens produzem humor e se identifique com um discurso de resistência, para o qual há, nessas imagens, a materialização de um racismo estrutural. Segundo a manchete do site: “Humor ‘nego’ viraliza e gera debate sobre racismo nas redes sociais”. Lemos ainda no referido site de notícias que: “Na internet, há quem defenda que as fotos de negros são apenas humor; outros acham as piadas ofensivas”; o que ratifica a tese que defendemos aqui, segundo a qual rir ou não desse tipo de *meme* indica uma tomada de posição subjetiva e, portanto, aponta para identificação ou para contra-identificação com o discurso racista.

A afirmação “Nego não se toca” ativa outro dizer, segundo o qual “O ‘não-negro’ se toca”, que produz outros sentidos, também relacionados à memória que está sendo retomada na imagem, e que remete a dizeres silenciados, mas que também produzem efeitos. Os discursos que atravessam o *meme* sob análise retomam a memória do preconceito

e da submissão do período escravocrata, remetendo ao momento histórico em que o negro era colocado como protagonista nas piadas racistas. Nesse caso, vemos a materialização de um discurso segundo o qual este sujeito deveria se manter submisso e operante, podendo inclusive ser ridicularizado nas/pelas piadas. Tal discurso funciona na relação com acontecimentos históricos que ajudaram a convalidar a exclusão do negro de diferentes espaços. Dessa forma, segundo defende Orlandi (2001, p. 18), a língua (ou a imagem, no caso em tela) funciona como “materialidade simbólica própria e significativa”, que se articula à ideologia, também material, na constituição do sentido de exclusão.

Ainda no que se refere ao arcabouço teórico-metodológico da AD, Pêcheux dialoga com Althusser a fim de elaborar uma teoria acerca das condições de produção no que diz respeito às relações históricas que se estabelecem no seio de uma ideologia. Para Althusser, que é retomado por Pêcheux, as condições de produção indicam um estado da luta de classe em determinado momento histórico. Estas condições de produção de um discurso envolvem algumas instâncias: os sujeitos, a situação discursiva, a memória discursiva, o interdiscurso, que estão relacionadas às produções culturais, aos regimes políticos, às instituições, às relações de trabalho, de família, de religião e de costumes. Essas estruturas também são abordadas no âmbito dos estudos acerca dos Aparelhos Ideológicos de Estado (ALTHUSSER, 1985 [1969]). É nessa perspectiva que Pêcheux se fundamenta em Althusser para defender que os indivíduos são interpelados em sujeitos pela ideologia, que funciona na relação com as condições históricas de produção e que se materializa na língua.

Para além da questão ideológica, e pensando o funcionamento do campo humorístico, Possenti (2010), nos seus estudos sobre a constituição linguístico-discursiva do humor, defende que este sempre tem relação, direta ou indireta, com os saberes que circulam em uma sociedade, mesmo que tais relações não sejam facilmente percebidas, sendo necessário, para acessá-las, um trabalho interpretativo, ou, como defende Maingueneau (2010), “uma verdadeira ‘atitude hermenêutica’ que leva o leitor ou o ouvinte a mobilizar certo número de estratégias interpretativas” (MAINGUENEAU, 2010, p. 15). É o que ocorre, por exemplo, na análise da figura abaixo:



Figura 2 – “Nego Downs vacilo”

Fonte: <https://oglobo.globo.com/economia/humor-nego-viraliza-gera-debate-sobre-racismo-nas-redes-sociais-15678813>

Na **figura 2**, temos a imagem de um adolescente negro que apresenta traços físicos característicos de um indivíduo portador de Síndrome de Down. Essa alteração genética é causada por uma divisão celular atípica, ocorrida durante a concepção, no início da gestação. Mas, na maioria das vezes, é descrita de forma preconceituosa como “doença”, relacionada à “deficiência intelectual”. Esses sujeitos são caracterizados como “anormais” e, portanto, “sem opinião”, “sem direitos”, entre outras exclusões, que funcionam no sentido de reforçar preconceitos, vinculados às referências negativas historicamente construídas em relação ao sujeito portador de Down. A expressão “downs vacilo”, presente na imagem, indica um deslizamento de sentidos, de “downs” para “dão uns”, o que remete o sujeito ao lugar de desprestígio por ser negro e se associa também ao registro informal que o enunciado assume, pois, “dar uns vacilos” é uma espécie de gíria e, como tal, se vincula a um grupo social específico, que, nesse caso, são moradores de assentamentos urbanos informais, conhecidos popularmente como favelas, os quais são pejorativamente chamados de “favelados”. Nesse caso, há uma dupla desqualificação do sujeito, por ser negro e por ser favelado e, supostamente, falar “errado”, ou seja, não falar de acordo com o português culto padrão.

No caso do enunciado materializado na figura 2, “Nego downs vacilo”, entende-se que a expressão materializa um efeito de desqualificação tanto do negro quanto da pessoa portadora de Síndrome de Down. De acordo com Possenti (2010, p. 51), o rebaixamento é um traço constante nos textos humorísticos. Contudo, segundo o referido autor “o mero rebaixamento não produz humor” (POSSENTI, 2010, p. 51). É necessário que esse rebaixamento seja, ainda segundo o autor, apresentado por meio de um sentido que circula na sociedade ou, como afirma Possenti (2010, p. 51), “um sentido que a sociedade controla”.

Nesse caso, o que há é a retomada de uma imagem socialmente cristalizada (um estereótipo), segundo a qual o negro é alguém que, assim como a pessoa portadora de Síndrome de Down, está fora do padrão de normalidade e, por isso mesmo, pode ser visto como alguém que “dá uns vacilo”; tais supostos vacilos estariam relacionados justamente à sua condição de “negro” e/ou de “doente”, o que justificaria sua exclusão social.

Há, ainda, a relação com o não-dito e com a memória. No enunciado “nego downs vacilo” constata-se uma relação parafrástica entre “negro”, “deficiente” e “vacilante”, todos vistos como fora do “padrão de normalidade” e, portanto, risíveis. Nesse caso, observa-se, ao mesmo tempo, a materialização do discurso racista e do preconceito em relação ao “diferente”. Aqui, conforme preconiza a AD, o sujeito negro se significa também através da Síndrome de Down, pois ambas as condições (a de negro e a de pessoa portadora de Down) apontam para efeitos de sentido de menosprezo e de inferiorização.

A partir do momento em que o racismo, repetido como um *meme* propriamente dito, através de imagens, não é denunciado pelos sujeitos afetados, ou seja, pelos sujeitos que são discursivamente convocados a ocupar, por meio dessas imagens, o lugar da exclusão e a assumirem nos seus corpos as agressões racistas, o racismo velado ganha espaço na web e os *memes* vão sendo cada vez mais repetidos, garantindo, assim, a continuidade dessas agressões, o que produz mais sujeitos identificados ao discurso racista, mesmo que não sejam estabelecidas outras relações sociais, além daquelas subjacentes ao ciberespaço. Esses sujeitos, identificados ao discurso racista, vão se aproximando cada vez mais e passam a formar uma espécie de grupo propagador de teses racistas. Isso ocorre devido à legitimação produzida pelo suposto direito ao riso, ao divertimento, bem como pela exaltação da “criatividade”, atribuída àqueles que criam esses *memes*, o que produz, também, uma constante interação entre quem envia e quem recebe a mensagem.

Na maioria das vezes, essa suposta criatividade é exaltada sem que se considere os fatores sócio históricos que se encontram imbricados a certo funcionamento ideológico e que permitem a emergência de preconceitos e discursos de ódio, materializados na/pela ridicularização do negro, visto como proveniente de classe e raça inferiores, o que retoma, como já dito, memórias que legitimam a escravidão no Brasil e que maximizam o fosso social existente entre as classes menos favorecidas e as elites detentoras da maior parte do capital.

As imagens aqui analisadas são atravessadas por discursos que negam condições sociais dignas ao negro na sociedade. Tais discursos se materializam nessas imagens e nos enunciados que as acompanham e assumem diferentes trajetos nas materialidades significantes em que se inscrevem. De acordo Pêcheux (1999 [1983]):

A questão da imagem encontra assim a análise de discurso por um outro viés: não mais a imagem legível na transparência, porque um discurso a atravessa e a constitui, mas a imagem opaca e muda, quer dizer, aquela da qual a memória ‘perdeu’ o trajeto da leitura (ela perdeu assim um trajeto que jamais deteve em suas inscrições) (PÉCHEUX, 1999 [1983], p. 55).

Isso não significa que qualquer leitura dessas imagens seja válida, mas indica que os sentidos que as constituem só podem ser encontrados na relação com a historicidade. Nessa perspectiva, pelo fato de serem atravessadas por sentidos históricos, as imagens permitem não só a retomada de efeitos de exclusão e de segregação do negro, elas permitem também a retomada de questões étnico-raciais vinculadas à esfera criminal, já que, atualmente, o racismo cibernético é caracterizado como um crime praticado no ambiente virtual (internet), o qual se efetiva por meio de condutas racistas, que podem levar os responsáveis à punição penal, conforme a legislação em vigor e a jurisprudência (BRASIL, 2018). Contudo, apesar do atravessamento do campo jurídico-penal, os discursos materializados nas imagens reproduzem sentidos que, ao serem veiculados nas/pelas redes sociais, reforçam ideologias e legitimam uma conjuntura histórica excludente. Tais discursos vão produzindo sentidos a partir da retomada de uma memória que os sustenta. É o que ocorre, por exemplo, em relação à **Figura 3**, apresentada a seguir:



Figura 3 – “Nego ta soltinho hoje”

Fonte: https://play.google.com/store/apps/details?id=com.companynome.Acertou_miseravi&hl=pt

Nesse caso, há um texto, em caixa alta, na cor branca, em que lemos: “NEGO TA SOLTINHO HOJE”, seguido de uma pintura em tela, ilustrando uma mulher de vestido branco prostrada de joelhos frente a uma mesa, rodeada de centenas de pessoas vestidas com trajes formais pretos, em um auditório dividido em dois compartimentos (superior e inferior). A imagem ainda mostra que todas as pessoas presentes no local centram suas atenções na citada mulher.

A **figura 3** pode ser analisada com base na da cromatografia política, pois representa a assinatura da Lei Áurea, ocorrida em 1888, quando houve o ato de “libertação dos escravos” no Brasil, sancionada pela princesa Isabel. A expressão “NEGO TA SOLTINHO HOJE” remete, ao mesmo tempo, àquele momento de “libertação” e à atualidade, quando “ta soltinho” indica que alguém está se sentindo livre para falar ou agir como quiser, mesmo que não o esteja de fato. Nesse caso, o diminutivo funciona como uma marca de ironia, pois aponta para existência de uma falsa sensação de liberdade, mas que é encarada como verdadeira por um outro enunciador, que não é o locutor do texto. Para Ducrot (1987), em casos como este, a ironia é produzida quando “o locutor ‘faz ouvir’ um discurso absurdo, mas que o faz ouvir como discurso de um outro, como um discurso distanciado” (DUCROT, 1987, p. 198). Ducrot complementa afirmando que, no caso do humor, esse discurso absurdo não é assimilado a nenhum enunciador, pois “a posição claramente insustentável que o enunciado supostamente manifesta aparece por assim dizer ‘no ar’, sem sustentação” (DUCROT, 1987, p. 198). No caso da **Figura 3**, o enunciado “NEGO TA SOLTINHO HOJE” não é atribuído nem ao locutor, que é quem enuncia a frase, nem ao negro, que é o referente do enunciado. Ele é atribuído a uma “voz” absurda, para a qual o negro poderia de fato estar solto. O efeito de sentido materializado é, portanto, o de que a lei Áurea, que no passado supostamente “libertou” o negro, não tem função na atualidade, porque “estar solto” não é uma realidade para o negro, mas apenas uma ilusão subjetiva.

Assim, quando esse *meme* é utilizado em determinados diálogos nas redes sociais, pode indicar que os diferentes tipos de aprisionamento aos quais a pessoa negra é submetida na sociedade contemporânea - como por exemplo, a tentativa de “aprisonar” o negro em certos espaços, como a favela, a cadeia, a periferia etc. - são legítimos, pois o discurso materializado no *meme* sob análise não considera esse sujeito como um ser livre, prevalecendo, assim, o estigma da escravidão do corpo, da mente e do comportamento do homem negro. Nesse caso, a imagem remete à memória do período escravocrata e o enunciado faz emergir um efeito de atualidade; assim, a junção entre o texto e a imagem produz, contextualmente, o efeito de humor para aquele que se assujeita ao discurso racista.

Os dados analisados até aqui fazem emergir memórias de estruturas sociais que materializam o racismo. Como afirma Souza Júnior, funciona, nesse caso, “uma prática social baseada na relação que encadeia seleção, exclusão e sua conseqüente manutenção” (SOUZA-JÚNIOR, 2016, p. 102). Ainda que estas práticas estejam previstas no código penal como sendo uma ação criminosa e racista manifesta na internet, vemos que as formas de disseminação de uma imagem negativa do negro não param de surgir por meio de variadas possibilidades.

Em outros estudos, a difusão dos *memes* também é apresentada como um desafio para as políticas criminais de prevenção ao “cibercrime”, como é possível constatar na pesquisa realizada por Josefa Cristina Tomaz Martins Kunrath, cujos resultados foram sintetizados na dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Segurança Pública, Justiça e Cidadania, da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia (UFBA), em 2014. Em um dos trechos deste trabalho, a autora revela que:

O Estado brasileiro não dispõe de meios suficientes para coibir a prática de crimes no ciberespaço, por ausência de criminalização de alguns ataques cibernéticos considerados importantes, pela carência da estrutura da polícia judiciária para realizar investigações e, ainda, pela morosidade da Justiça (KUNRATH, 2014, p.100).

Os discursos racistas materializados nas imagens que apresentam o negro nem sempre são reconhecidos como indicadores da relação entre identificação e contra-identificação dos sujeitos discursivos, pois o humor é socialmente visto como um campo em que há uma espécie de autorização social (se fosse poesia, poderíamos falar em “licença poética”) para que haja o rebaixamento do outro. Afinal, como já indicamos acima, por meio de uma discussão proposta por Possenti (2010), apesar de o rebaixamento sozinho não produzir humor, este é um dos traços característicos de construções tidas como vinculadas ao campo humorístico. Por isso, a constituição e a disseminação dos discursos que produzem rebaixamento são facilmente identificadas em paródias, piadas e charges, além dos *memes*, como esperamos ter demonstrado aqui, os quais rebaixam e ridicularizam sujeitos socialmente estigmatizados, como gays, prostitutas, negros etc. Contudo, devido à legitimação social dada ao lugar do humor, o rebaixamento acontece sem que haja, na maior parte das vezes, qualquer tipo de estranhamento ou crítica ao preconceito disfarçado de humor.

É importante destacar que, quando defendemos que os *memes* “nego” disseminam preconceitos ao serem propagados nas redes, mais do que indicar esse funcionamento do ciberespaço, que potencializa a circulação de discursos, pretendemos indicar que a história da escravidão produz efeitos que atingem os negros enquanto sujeitos até os dias atuais. Os *memes* em si e sua circulação não são, portanto, suficientes “para compreendermos que efeitos de sentido estão ali presentificados” (ORLANDI, 1998, p. 32). É por isso que, na análise de dados como estes, não basta olhar para o contexto imediato, é necessário, conforme defende Orlandi (1998), recorrer à memória discursiva e às condições de produção, que são mais do que o simples contexto. Dessa forma, a memória reconfigurada nos/pelos *memes* indicará que os sentidos estão conectados a uma rede interdiscursiva, a qual permite que eles possam ser retomados no ciberespaço.

A materialização destes preconceitos ocorre também nos espaços digitais de circulação, como é o caso das mensagens enviadas via aplicativo *WhatsApp*, quando, por meio de signos e índices das linguagens verbal e/ou não-verbal, os quais funcionam como rastros deixados pelos sujeitos interactantes, iniciamos ou mantemos um processo comunicacional. Neste caso, a escrita, os vídeos, ou mesmo a fala gravada em áudios são reduzidos a fim de “poupar tempo”. Isso ocorre através de estratégias telegráficas de comunicação, pois se assemelham à elaboração de um telegrama, por apresentarem enunciados elípticos, truncados e/ou reduzidos. Em tais espaços, ocorre, na maior parte das vezes, juntamente com essa aparente “simplificação” da mensagem, uma espécie de “simplificação” também do “conteúdo”, a qual, no que diz respeito aos *memes* “Nego”, reduz a pessoa negra aos estereótipos materializados em cada imagem apresentada: “Nego não se toca”; “Nego downs vacilos” e “Nego ta soltinho hoje”.

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES...

Os dados apontam para um acentuado processo de disseminação de imagens e enunciados nas redes sociais. Esse processo, como indicamos em nossa hipótese inicial, confirmada pelas análises, retoma e reatualiza memórias do discurso racista, as quais são materializadas nas redes sociais e em aplicativos de troca de mensagens a fim de produzirem efeitos de humor.

Essas imagens materializam discursos racistas, pois se filiam a uma posição-sujeito que naturaliza o racismo, fazendo circular os danos causados por ele por meio de *memes* que afetam o negro de forma ultrajante e profundamente desrespeitosa. Os indivíduos que postam ou repostam tais imagens identificam-se, consciente ou inconscientemente, com esse discurso de desqualificação, ridicularização e descaracterização do negro. Além disso, os *memes* analisados retomam o discurso da produtividade da mão de obra escrava, daí também a relação com a desqualificação (falta de qualidade laboral), reforçando a ideologia racista e preconceituosa, que se vincula a condições de produção historicamente constituídas. Por outro lado, há o discurso de resistência a esse racismo estrutural, o qual se materializa, por exemplo, nas leis e na jurisprudência que criminalizam esse tipo de manifestação racista. Os sujeitos que se negam a postar, a repostar ou a rir desse suposto humor mostram-se como identificados a esse discurso de resistência ao racismo, ao mesmo tempo que se contra-identificam com o discurso materializado nos *memes* “Nego”.

A disseminação do discurso racista não se restringe mais a um evento, como ocorre em situações isoladas de manifestações racistas individuais. O ambiente virtual socializa a responsabilidade pela criação de novos *memes*, que são compartilhados pelos sujeitos virtuais, inseridos no próprio ciberespaço, operando em rede. Contudo, esse mesmo

ciberespaço provoca nos responsáveis a sensação de impunidade, devido à suposta dificuldade que se tem em identificar esses sujeitos. Os casos de disseminação de qualquer tipo de apologia ao racismo, ainda que justificada como forma de produzir humor, levam, como dito acima, à punição garantida juridicamente, mas isso só pode ocorrer se a agressão for identificada e reconhecida como tal. A AD, por ser uma disciplina de interpretação, que “constitui o esboço de uma análise não-subjetiva dos efeitos de sentido que atravessa a ilusão do efeito-sujeito [...]” (PÊCHEUX; FUCHS, 1993 [1975], p. 170), contribuiu para que seja possível a leitura de enunciados e imagens como os produzidos no contexto dos *memes* “Nego”. Isso porque, por meio da referida disciplina, podemos interpretar tais produções relacionando-as não a uma intenção - uma vez que esse aspecto pode sempre ser apresentado como subjetivo e, portanto, sujeito a variadas interpretações -, mas com base na relação entre uma materialidade simbólica (verbal, imagética, verbo-visual etc.) e uma materialidade histórica, o que nos permite, como defendem Pêcheux e Fuchs, atravessar a ilusão do efeito-sujeito e “retomar o processo discursivo por uma espécie de arqueologia regular” (PÊCHEUX; FUCHS, 1993 [1975], p. 170).

Nesse sentido, com base no dispositivo teórico-analítico da AD, mostramos que os *memes* “Nego” materializam um discurso de desqualificação e de ridicularização do sujeito negro. Discurso esse que é repetido/reconfigurado e posto em circulação por aqueles que se identificam com o Sujeito universal racista. Isso porque o racismo no Brasil é historicamente determinado. Assim, desde o início do processo de escravização desses sujeitos negros, era comum se enunciar piadas racistas e associá-las a fatores negativos com o intuito de desmerecê-los. Nesse sentido, classificar o europeu-caucasiano como superior e o negro como inferior era uma tese de “esclarecidos”, a qual funcionava longe de qualquer “obscuridade” irracional.

Concluimos defendendo que se faz necessário compreender o espaço da internet como lugar contemporâneo de circulação de discursos que se materializam de diferentes formas (por meio de *memes*, mas também de “figurinhas”, *gifs*, textos verbais, vídeos etc.). Tais materiais surgem, na atualidade, como potenciais fontes de análise, com as quais tanto a AD quanto os estudos da memória podem contribuir eficazmente.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). Tradução de Maria Laura V. de Castro. Introdução crítica de José Augusto Albuquerque. 2.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985 [1969], p. 53-107.
- AMOSSY, R.; PIERROT, A. H. **Estereotipos y clichés**. Traducción y adaptación: Lelia Gándara. Buenos Aires: Eudeba, 2005 [1997]. Enciclopédia Semiológica.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.
- BRASIL. Ministério Público Federal. Câmara de Coordenação e Revisão, **2. Crimes cibernéticos / 2ª Câmara de Coordenação e Revisão, Criminal**. Brasília: MPF, 2018. 275 p. – (Coletânea de artigos; v. 3) Disponível também em: http://www.mpf.mp.br/atuacao-tematica/ccr2/publicacoes/coletaneas-de-rtigos/coletanea_de_artigos_crimes_ciberneticos
- COURTINE, Jean-Jacques. **Entrevista**. Entrevistador: Nilton Milanez. Vitória da Conquista: UESB, 2005. Entrevista concedida ao Laboratório de estudos do discurso e do corpo. Acesso em 29 de fevereiro de 2020.
- DUCROT, Oswald. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. In: **O dizer e o dito**. Campinas, SP: Pontes, 1987, p. 161-218.
- FANON, Frantz Omar. **Pele negra, máscaras brancas**. EDUFBA: Salvador, 2008
- FONSECA, Dagoberto José. **Você conhece aquela? A piada, o riso e o racismo à brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2012.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso** – Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 8.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002 [1971].
- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. 50.ed. São Paulo: Editora Global, 2005.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1987.
- KUNRATH, Josefa Cristina Tomaz Martins. **A expansão da criminalidade no ciberespaço**: desafios de uma política criminal de prevenção ao cibercrime. 2014. 158 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Direito, 2015.
- LUVELL, Anderson. **Racist humor**. Philosophy Compass, v.10, n.8, p.501-509, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. Aforização - enunciados sem texto? Tradução de Ana Raquel Motta. In: SOUZA E SILVA, Maria Cecília Perez de (org.); POSSENTI, SÍRIO (org.). **Doze conceitos em análise de discurso**. São Paulo: Parábola, 2010, p. 9-24.

MELO, Linda Cristina Valin; LOPES, Luiz Paulo da Moita. As performances discursivo-identitárias de mulheres negras em uma comunidade para negros no Orkut. **Delta – Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**. São Paulo, v. 29, p. 237-265, 2013.

MOREIRA, Adilson. **O que é racismo recreativo**. (Coleção Feminismos Plurais). São Paulo: Letramento, 2018.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A leitura e os leitores**. Campinas, SP: Pontes, 1998.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 3.ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso** - Uma crítica à afirmação do óbvio. 3.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997 [1975].

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. (org.) **Papel da memória**. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999 [1983], p. 49-56.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. **A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas**. In: GADET, F. e T. HAK (org.). Por uma análise automática do discurso – uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethânia S. Mariani et al. Campinas, SP: UNICAMP, 1993 [1975], p. 163-253.

POSSENTI, Sírio. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

SOUZA JÚNIOR, Jaime de. O lado ‘Nego’ dos Memes da internet: relações entre letramento visual e a construção do negro no discurso online. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, Brasília: UNB, v. 17, n. 2, 2016, p. 99-121.

<https://doi.org/10.26512/les.v17i2.4012>

Revisão gramatical realizada por: Graziela Zanin Kronka

E-mail: graelak@yahoo.com